

IDEOLOGIA DE GÊNERO
E A ILUSÃO DO CORPO EQUIVOCADO

Copyright © Rafael Sanzio Amaral, 2023

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem
os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR

João Baptista Pinto

CAPA

Norman Andrade e Flavia Magri

Ideia: Rafael Sanzio

PROJETO GRÁFICO/EDITORIAÇÃO

Luiz Guimarães

PREPARAÇÃO DE ORIGINALS E REVISÃO

Rita Luppi

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A517i

Amaral, Rafael Sanzio, 1985-

Ideologia de gênero e a ilusão do corpo equivocado / Rafael Sanzio Amaral.

- 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023.

336 p. : il. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7785-816-3

1. Ideologia de gênero. 2. Transexualidade. 3. Transexuais - Psicologia. 4. Sexo - Diferenças.
5. Distúrbios da diferenciação do sexo. I. Título.

23-82291

CDD: 306.768

CDU: 316.7-055.3

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

CONTATOS COM O AUTOR

E-mail: raphael-sanzio@live.com

Instagram: [@raphael.sanzio](https://www.instagram.com/raphael.sanzio)

Gettr: [@rafaelsanzio](https://www.gettr.com/rafaelsanzio)

Rumble: [UnorthodoxNews](https://www.rumble.com/UnorthodoxNews)

www.unorthodoxnews.info

LETRA CAPITAL EDITORA

Tels.: (21) 3553-2236/2215-3781

www.letracapital.com.br

Rafael Sanzio Amaral

IDEOLOGIA DE GÊNERO
E A ILUSÃO DO CORPO EQUIVOCADO

LETRCAPITAL

*“Deixai-os!
Eles são guias cegos guiando cegos.
Se um cego conduzir outro cego,
ambos cairão no buraco.”*

Mateus 15:14

Dedicatória

À memória do meu avô Álvaro Lopes,
que deixou Portugal para se aventurar no Amazonas e,
com a ajuda do CRIADOR e muito trabalho, obteve êxito
em uma época quando tudo era realmente difícil.

À memória do maior filósofo que o Brasil já teve,
Olavo de Carvalho. Sem seus ensinamentos
muitos brasileiros ainda estariam mergulhados
nas obscuridades pseudointelectuais.

Agradecimentos

Às duas pessoas que estiveram ao meu lado nesses últimos anos ouvindo minha indignação e questionamentos quanto aos absurdos que vemos todos os dias: Álvaro Espejo e Marlon Silva. Sou eternamente grato pelo carinho, atenção e por apoiarem este trabalho mesmo que indiretamente.

Também quero deixar um agradecimento especial à Rita Luppi, uma profissional incrível que sempre se preocupa com o futuro da nossa sociedade e que fez dos meus originais um livro de verdade. Foram horas juntos nas quais aprendi bastante.

Ao meu amigo da faculdade, Manoel Veloso que, da fria Massachusetts, apoia meu trabalho e me motiva a continuar, minhas grandes considerações.

Ao Norman Andrade, que frequentou a mesma igreja que eu, em Manaus, e, por coincidência, fomos na mesma época para a faculdade, em São Paulo, e desde então nos tornamos amigos de verdade. Ele me ensinou, há mais de uma década, a pesquisar os vários ângulos de uma narrativa antes de chegar a uma conclusão sobre um determinado assunto. Muito obrigado.

E também ao professor Galileu Souza, que me ajudou no último momento com a leitura atenta do livro e com o magnífico prefácio.

Não poderia deixar de mencionar o Sr. João Baptista Pinto, editor da Letra Capital Editora, pela oportunidade, colocando meu projeto nas mãos das pessoas certas – obviamente algo divino. Meu muitíssimo obrigado.

Quero agradecer às dezenas de profissionais da área da saúde em todo o planeta que atenderam meus telefonemas, responderam meus e-mails e solicitações de entrevistas, dispondo de seu tempo para me fornecerem informações específicas sobre a disforia de gênero do ponto de vista clínico. Meu grande respeito a todos.

Às várias famílias que me concederam entrevistas expondo de forma tão emocionante o problema de seus filhos com a disforia de gênero, relatos tais que, na maioria das vezes, me fizeram sentir um nó na garganta. Oro por elas todos os dias.

A você, leitor, meu objetivo prioritário, que ao debruçar-se sobre esta obra possa encontrar informações para evitar a contaminação por males ideológicos.

E obviamente não posso deixar de citar o meu CRIADOR, YAHUAH, que literalmente me resgatou de um ambiente ao qual uma criança ou adolescente jamais deveria ser exposto, fruto do feminismo e da liberação sexual. Minha ETERNA adoração. Obrigado por ter me amparado para chegar até aqui.

Sumário

PREFÁCIO: PARA LER ANTES DE LER	13
APRESENTAÇÃO	17
1. INTRODUÇÃO	19
2. HORMÔNIOS: O RISCO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES... 57	
3. PAIS QUE DENUNCIAM.....	87
4. DISFORIA DE GÊNERO DE INÍCIO RÁPIDO (ROGD)	103
5. A PROPAGANDA E SUAS MIL FACES	119
6. TRANSGÊNEROS, UMA LUTA PERDIDA	145
7. O CAMINHO PERCORRIDO	165
8. EQUÍVOCO <i>QUEER</i>	183
9. PSICOSE GLOBAL.....	193
10. A MANIPULAÇÃO DO COMPORTAMENTO	203
11. TÉCNICAS PEDAGÓGICAS OU MANIPULAÇÃO DAS MASSAS	217
12. A TEORIA <i>QUEER</i>	243
13. A INFANTILIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES E INDIVÍDUOS FRACOS	251
14. AS REDES SOCIAIS E A TRAGÉDIA DA DISFORIA DE GÊNERO	263
15. O FEMINISMO E A REVOLUÇÃO DOS GÊNEROS	281
16. A IDEOLOGIA DE GÊNERO CONTRA O ESPORTE FEMININO.....	297
CONCLUSÃO	311
REFERÊNCIAS	323

Prefácio: PARA LER ANTES DE LER

Quando convidado a prefaciар o livro de Rafael Sanzio Amaral, *Ideologia de Gênero e a ilusão do corpo equivocado*, fui tomado por diversas preocupações. Sabia que não seria tarefa fácil, em primeiro lugar, porque o tema é polêmico e polêmica é algo que evito sempre que possível, porque faz perder tempo e consome muita energia, quase sempre de modo infrutífero. Em segundo lugar, porque sofro de um temperamento literário, se me é permitido falar assim, que me faz ver defeito em tudo o que escrevo, o que, não raro, respinga também no que leio. Além de publicador ineficiente, sou quase um cético literário. Felizmente, é verdade, mais propenso a julgar duramente a mim mesmo que aos outros, mas, não sem grande dissabor das amizades – talvez por herança de Gregório de Matos, o “boca do inferno”, que os livros dizem ser meu parente distante –, defensor do direito de fazer *guerra* com as palavras, como recurso para evitar outros seus tipos menos úteis. Em terceiro lugar, porque não sou especialista no assunto da pesquisa que dá lugar ao livro que pretendo, apesar de tudo isso, prefaciар. Em quarto lugar, porque não conhecia o autor e, correndo o risco de terminar uma amizade nem ainda iniciada, não saberia os limites até onde minhas palavras poderiam chegar. Além desses, eu poderia elencar outro tanto número de “porquês”, que são o que são, desculpas. Mas por amizade, não ao autor, que ainda não conhecia, mas ao editor, de quem já desfrutei a excelente conversa e a promessa de algumas garrafas de vinho, não me pude furtar ao trabalho.

Deixando de lado todas as escusas, e uma pitada de bom senso, sem o que nenhum herói quixotesco jamais seria o que é,

venho fazer indicações sobre a leitura de algo que, não obstante os motivos contrários, pelo menos li – em contraste contra a maioria dos que certamente irão criticar a obra. Não sem razão, uma das teses nela defendida é a ideia de que em torno das discussões atuais sobre gênero muito mais força tem a propaganda do que a busca da verdade, o que implica na disposição a transformar retórica em argumento, no melhor estilo “só sei que é assim”, e para quem não concorda resta a fogueira ou o exílio, próprios a todo espantallo.

Sabia eu, desde o início de minha leitura, que o seu autor deveria ser alguém com muita coragem e pouco juízo. A experiência pessoal ensinou-me que pessoas assim, apesar de toda recomendação contrária, continuam querendo mexer em vespeiro. Mas isso não é razão para não ler sobre o resultado da empreitada que promete, pelo menos, a história de algumas ferroadas.

Indo ao que interessa em um prefácio, a obra de Rafael Sanzio Amaral que ora se oferece ao leitor tem a grande vantagem de se constituir em uma síntese muito atual do panorama em que circulam as discussões a respeito da ideologia de gênero, do ponto de vista de um conservador – o que, aliás, é sempre sinônimo de disposição inicial cética e esforço pela verdade –, em uma linguagem simples, direta e sem complicações. Se sentirá como recebendo uma antiga e querida visita, o leitor que já leu livros de Michael Jones (*Libido Dominandi: libertação sexual e controle político; Modernos e degenerados: a modernidade enquanto racionalização da perversão*), Ana Caroline Campagnolo (*Feminismo: perversão e subversão*), Pascal Bernardin (*Maquiavel Pedagogo: o império ecológico ou a subversão da ecologia pelo globalismo*), James Burnham (*O suicídio do Ocidente: um ensaio sobre o significado e o destino do esquerdismo*), Roger Scruton (*Desejo sexual: uma investigação filosófica*) e Olavo de Carvalho (*Coleção Cartas de um Terráqueo ao Planeta Brasil*). Ao invés, o leitor que não tiver lido nada disso, será agraciado pelo trabalho de garimpo realizado pelo autor, na certeza de que, enquanto aprenderá um pouco de cada um desses textos, se beneficiará igualmente do esforço de alguém que já fez uma primeira reunião de informações sem deixar de acrescentar algo

próprio, reunidas a partir de livros, entrevistas diretas e bancos de dados oriundos das mais diversas plataformas informacionais (a exemplo do YouTube).

Há muito a se aprender e guardar da documentação apresentada pelo autor e tornada acessível de modo sistemático sobre diversos assuntos relacionados com a questão de gênero, com destaque especial para a interpretação do que hoje se conhece como *disforia de gênero*, contra a qual se insurgem os famigerados tratamentos hormonais, aplicáveis a crianças cada vez mais jovens, aliados a mutilações corporais e técnicas de recondicionamento mental as mais radicais. Entretanto, também outras questões espinhosas, como as ligadas ao ativismo LGBTQI+, ao feminismo, à propaganda mercadológica, à participação de pessoas trans nos esportes e ao emprego de técnicas de programação neurolinguística receberam atenção no volume. E sobre tudo isso, não espere o leitor, como não espero eu, que alguém não possa se sentir ofendido. Mas o que fazer ou, mais precisamente, como escrever sobre temas polêmicos em tempos em que “se sentir ofendido” é o critério para julgar se uma afirmação é ou não ofensiva. Sendo impossível sempre evitar toda e qualquer ofensa, ou se protege o direito de “talvez” ofender, ou se nega qualquer possibilidade de fazer juízos morais. Não penso que o intento dessa obra seja ofender, mas espero mesmo que os que se julgarem ofendidos, ponderem suas lamentações com o exercício do pensar. Trata-se nesse texto de “opiniões”, “argumentos” e essas coisas precisam ser tratadas como o que são: “opiniões” e “argumentos”, não “dogmas” e não “ofensas”. Sua intenção, com efeito, não é ofender, mas informar.

E para não dizer que só falei das flores, dando também vazão a minha angústia literária, não direi que não há defeito nesse livro – e defeitos encontro em todo texto que leio, ai de mim, especialmente se for meu –, mas deixarei ao leitor a tarefa de encontrar os seus, aconselhando apenas que, ao encontrá-los, saiba também reconhecer suas virtudes. Se um cético literário como eu as encontrou, para minha grande alegria, acredito que qualquer outro leitor também o fará.

Enfim, para que serviria um prefácio se não levasse a ponderar se um texto deve ser lido? E o que deveria eu dizer a esse respeito? Tendo lido o livro, aconselho ao leitor sua leitura, dando testemunho de que vale realmente o esforço. O que mais poderia eu dizer que levasse à leitura? Agradeço ao nosso amigo em comum, João Baptista Pinto, a recomendação da leitura, e a Rafael Sanzio Amaral deixo meu apreço pelo fôlego em escrever a obra.

Prof. Dr. Galileu Galilei Medeiros de Souza

Professor de Filosofia da Universidade
do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

APRESENTAÇÃO

O que leva uma adolescente de 16 anos a remover cirurgicamente seus seios, inviabilizando a amamentação de seus futuros filhos, se engajando na modelagem cirúrgica de um pênis para fins estéticos sem utilidade fisiológica? O que está por trás da decisão de uma jovem ou pré-adolescente na busca de uma identidade de gênero imaginário através de um mercado de clínicas estéticas com lucros anuais gigantescos?

Os agentes promotores das ideias do corpo equivocado que abordarei neste livro são exatamente os mesmos do passado. Ou seja, são os mesmos que estiveram envolvidos na liberação do indivíduo segundo sua “natureza e desejos”.

Antes de entender de onde vem a ideologia de gênero, é preciso entender quais as principais intenções das instituições que a promovem.

Organizações internacionais – como ONU, UNESCO, UNICEF, Fórum Econômico Mundial e congêneres –, arautos da pseudoautoridade de reguladoras democráticas e subsidiadas por organizações privadas com políticas e filosofias muito bem definidas são promotoras desses comportamentos que estão associados com as mais variadas desordens mentais e crimes. Essas desordens mentais foram romantizadas por ativismo científico e pseudoestudos que normalizam crimes sexuais como pedofilia.

No passado, essas práticas foram responsáveis pela destruição de civilizações inteiras.

A ideologia de gênero é um dos carros-chefe da Agenda 2030 da ONU.

A disforia de gênero¹ tem levado milhares de jovens e crianças aos consultórios de especialistas doutrinados pelo ativismo científico de Alfred Kinsey, John Money e seu exército espalhado por todo o planeta. Os meios de comunicação, por sua vez, têm feito seu papel para a inserção dessas filosofias no imaginário infantil.

Creio que este livro trará pontos muito importantes que devem ser investigados antes que legisladores de todos os países adotem medidas compulsórias que desautorizem médicos e pais de protegerem crianças dos tratamentos irreversíveis de afirmação de gênero com o *lobby* da indústria farmacêutica (que está intimamente ligada aos movimentos *gayzistas* desde muito tempo).

E é também importante ter atenção redobrada quanto à saúde mental de pessoas adultas que se identificam com o sexo oposto ao seu biológico. Elas vêm passando por tratamentos experimentais e colhendo consequências negativas, no entanto, o movimento trans e seus parceiros vêm apagando a história dos destransicionados.

Nas próximas páginas você vai ver a exposição de informações (colhidas de profissionais das áreas de saúde, educação, direito etc.) que tive o cuidado de traduzir de diferentes idiomas, conversas e entrevistas com profissionais renomados da área psiquiátrica, e também os depoimentos de pais de filhos menores sofrendo de disforia de gênero, contrastando com o que a história falou disso no passado.

Boa leitura.

Rafael Sanzio Amaral

¹ Na quinta edição do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)* a “disforia de gênero” é apresentada como uma “síndrome cultural”, traduzida em insatisfação/desconforto persistente quanto ao sexo de nascimento e a experiência emocional ou social da pessoa como sendo de sexo oposto.

1 INTRODUÇÃO

A militância política e bandeiras LGBTQ+ e, agora também, do movimento trans, dizem representar a resistência contra a tolerância de um pseudossistema opressor imposto pelo patriarcado há milênios.

Com o advento da Internet, a promoção de ideologias que são voltadas a desvirtuar a estrutura social que conhecemos, composta por homens e mulheres, vem ganhando amplamente espaços no debate público. Engana-se quem acredita que isso está apenas no debate.

Sob o comando das *big techs* nos EUA, China e Rússia, as redes sociais adotam as narrativas progressistas levantando o discurso do politicamente correto como arma contra os “intolerantes”, ou contra aqueles adjetivos com o sufixo “fobia”, como “transfobia ou homofobia” que nada tem a ver com o significado semântico.

Qualquer tipo de opinião e até mesmo o exercício da fé cristã que não se adeque aos padrões preestabelecidos pelo ativismo *gayzista* vigente são combatidos duramente por meios inescrupulosos.

Hoje, o que mais vem despertando a indignação, não apenas da população de visão conservadora, mas de toda e qualquer pessoa que defenda o princípio básico da existência humana, é a intensa propaganda do movimento *gay* e trans direcionado a crianças e adolescentes.

No entanto, o atual cenário não apareceu repentinamente. Existe uma base construída no último século que dá sustentabilidade para o que vou chamar de “ditadura *gayzista*”, mas que também tem seus alicerces no feminismo, na teoria *queer*, nos estudos de Alfred Kinsey e demais parceiros, e movi-

mentos muito próximos a toda filosofia comunista/socialista/marxista.

Considero a expressão acima não uma forma de menosprezo para com indivíduos e suas relações íntimas, mas as imposições ideológicas e comportamentais de uma minoria querem transformar a engenharia social na qual vivemos. Os ataques dessa pequena elite – muito bem subsidiada – vêm criando um grande exército de pessoas mentalmente debilitadas, fisicamente mutiladas e com deficiência cognitiva.

1.1 Como tudo isso começou?

Nos últimos dez anos, e durante minhas pesquisas para este livro, venho me manifestando contra a exacerbação da cultura *gay* contemporânea, que coloca em risco a vida de crianças e jovens, e, em 2016, li um artigo no *site* europeu *The Vice* que me intrigou bastante: a matéria defendia a pedofilia como orientação sexual e apresentava um indivíduo “adepto de crime” como uma vítima da opressão heteronormativa. Quão inocente eu era diante de um mecanismo ideológico clínica e filosoficamente organizado, com mais de um século em plena operação! Resolvi aprofundar-me no assunto para entender por que e de onde vem todo esse absurdo.

E para entender a gênese do movimento sexual LGBTQ+ é preciso pelo menos conhecer seus pioneiros e sua pseudociência.

1.2 Breve história do movimento trans no último século

Hoje, qualquer jovem estudante de Psicologia afirma que a identidade sexual de uma criança é formada muito cedo. Mas baseado em que ou em quem eles afirmam isso?

Jonathan Gathorne-Hardy², um biógrafo recente de Alfred Kinsey, revelou que o diretor geral do Kinsey Institute, John Bancroft, secretamente permitiu que ele lesse e copiasse os rela-

² GATHORNE-HARDY, Jonathan. *Sex the Measure of All Things. A Life of Alfred C. Kinsey*. London: Chatto & Windus, 1998.

tórios da equipe de Kinsey. E Bancroft revelou o que todo mundo já sabia: que as conclusões do pesquisador não foram baseadas em estudos científicos, mas nas experiências de criminosos sexuais, pedófilos e, em especial, Rex King, que molestara sexualmente centenas de bebês, adolescentes e adultos. No entanto, são quase 80 anos de revolução fundamentada em ativismo *gay*, pró-pedofilia e incesto.

Em 1995, os estudos do pioneiro da revolução sexual americana e, conseqüentemente, mundial, Alfred Kinsey, voltaram a ser questionados. No passado já existiram milhares de denúncias que questionavam seus estudos “revolucionários”. Nada de novo, pois todo acervo sobre sexualidade dos principais nomes que fundamentam a “ciência *gayzista*” não passam de ativismo para justificar comportamentos sexuais abusivos e animaiscos travestido de ciência da natureza humana.

Alguns nomes devem ser lembrados para a sociedade atual, e provavelmente muita gente defende cada linha de criminosos sexuais sem ao menos nunca ter se deparado com um texto de John Money ou Alfred Kinsey. Também homenageiam Simone de Beauvoir sem sequer saber sobre sua vida perversa, que destruiu direta e indiretamente a vida de jovens refugiadas e depois expôs nos seus livros como forma de feminilidade das mulheres.

A ideologia de gênero não é fundamento científico, mas é tida como algo sério que ocupa os debates públicos, inclusive na Suprema Corte brasileira. E isso sempre foi o intuito.

Quando, em 1919, o doutor Magnus Hirschfeld (1868-1935) – considerado o “Einstein da Sexualidade” e cofundador da Sexologia como disciplina independente – ajudou a fundar o Institut für Sexualwissenschaft (Instituto de Pesquisas do Sexo), em Berlin, isso era só a oficialização de uma estrutura que já existia. Ele também afirma que em 1933 teve sua biblioteca particular invadida pelos nazistas, que confiscaram todos os seus estudos e que, possivelmente, esses estudos foram destruídos.

Entretanto, não foi o que pareceu no decorrer da história.

A doutrina de Hirschfeld – “sexual intermediacy” – era uma tentativa de fazer entender teorias de gênero como doutrina científica natural e atrair para si as defesas sociais que isso comportava. Por essa razão considero que o Dr. Hirschfeld não estava empenhado cientificamente o suficiente para entender o real motivo do comportamento *gay* de sua época; queria justiça social devido ao parágrafo 175 do Código Penal alemão que fazia da homossexualidade grave ofensa ao Estado.

O termo “justiça social” é comumente usado hoje por movimentos como o Black Lives Matter e o próprio LGBTQ+, que têm como principal objetivo criar o caos social e a revolução contra o padrão estrutural patriarcal.

Ainda em 1933, sendo social-democrata e judeu, Hirschfeld buscou exílio durante a ascensão nazista. Apesar de suas viagens ao Reino Unido e vários livros escritos, ao final da década de 1920 e início de 1930, ele ainda permanecia anônimo para os falantes da língua inglesa. Entre 1930-1932, seu *tour* fora da Europa lhe trouxe uma certa atenção, especialmente dos ativistas pró direitos homossexuais e pedofilia nos EUA. Mesmo assim, suas principais obras de ciência e militância³ permaneciam desconhecidas do público mundial. Apesar de, naquela época, a língua alemã ter a maioria dos estudos científicos renomados, era na língua inglesa que Hirschfeld poderia encontrar maior apoio para seus ideais.

Hirschfeld viveu o suficiente para ver as versões inglesas e americanas de seu livro *Die Weltreise eines Sexualforschers (Men and Women: The World Journey of a Sexologist)* e a versão não autorizada de *Sexualpathologie* aparecendo como *Sexual Pathology* em 1932. Não como ele realmente desejou, mas foi o primeiro passo para algo que fermentaria em pouco mais de uma década.

Algo que chama a atenção para o futuro da história do movimento homossexual nos EUA foi que o promissor Dr. Harry Benjamin enviou a Hirschfeld o resumo da tradução em inglês do livro *Sexualpathologie* relatando o quão terrível era a tradução do livro, principalmente no que se referia à ideia final que Hirschfeld queria transmitir.

No entanto, o ativismo de Hirschfeld e sua importância dentro do movimento de libertação homossexual inicial eram

³ *Naturgesetze der Liebe (The Natural Laws of Love)*, *Die Homosexualität des Mannes und des Weibes (Homosexuality of Men and Women)*, *Die Transvestiten (Transvestites)*.

tão óbvios e inescapáveis que não podiam mais ser ignorados; a combinação de ciência e militância homossexual era perfeita. Além disso, seu ativismo ia além da inserção da cultura *gay* na sociedade, justificada através de seus estudos: Hirschfeld era declaradamente militante pró-pedofilia e a sua bandeira era “as várias formas de amor”.

1.3 Nos EUA

Após a Segunda Guerra Mundial, a discussão no campo da sexologia foi dominada, por um lado, pelas teorias psicanalíticas e, por outro, pelas metodologias empíricas de Alfred Kinsey. Antes do final dos anos 1960, um alinhamento de interesses entre a pesquisa sexual – então orientada sociologicamente – e o movimento de liberação *gay* foi renovado. Nesse contexto, lento e vacilante, as obras de Hirschfeld foram redescobertas. Hesitante porque tanto sua base em biologia e genética quanto a base de sua pesquisa sexual na medicina o fizeram parecer questionável, ou mesmo suspeito, aos olhos de uma nova geração de ativistas⁴.

Durante toda a vida de Hirschfeld, políticos e a comunidade médica do seu tempo, com um resquício de ética, combateram o ativismo científico que tentava usurpar o real sentido da ciência, mesmo depois do evolucionismo, através de Thomas Huxley e o X-Club ter se inserido da mesma maneira na sociedade. No entanto, as lutas por direitos dos homossexuais ganhavam cada vez mais os holofotes da opinião pública. Mesmo apesar da forte resistência da população, o ativismo *gay* estava sempre presente, seja disfarçado de direitos humanos ou através da pseudoluta das feministas.

Berlin, 1931: Dora Richter se tornou a primeira mulher transgênero a fazer uma vaginoplastia. Não coincidentemente, ela morreu dois anos após a cirurgia, aos 42 anos, de “complicações desconhecidas”.

Em 1952, o caso George Jorgensen foi uma jogada de *marketing* perfeita: o ex-militar, com o nome de Christine Jorgensen – como já era conhecido mundialmente –, passou pela cirurgia de

⁴ DOSE, Ralf. *Magnus Hirschfeld: the origins of the gay liberation movement*. New York: Monthly Review Press, 2014.

“readequação” de gênero; ele também já fazia uso de hormônios prescritos pelo Dr. Harry Benjamin.

Jorgensen passou pela cirurgia na Europa, pelas mãos do endocrinologista dinamarquês Christian Hamburger, porque nos EUA essa cirurgia era proibida por muitos motivos, incluindo pelo evidente ativismo que sufocava as pesquisas da época que avisavam do perigo eminente que eram essas ideias, e que em poucos anos seriam conhecidas como transexualidade. A lei contrária às práticas de sodomia também ajudava a criar uma barreira contra tais ideias. Christian Hamburger publicou, em 1953, um dos primeiros relatórios de terapia hormonal em transgêneros, e vale mencionar que esses hormônios já estavam disponíveis no mercado desde os anos 1920. Jorgensen mudou seu nome de George para Christine em homenagem a Hamburger, já que ele foi responsável por sua cirurgia.

A Fundação Rockefeller estava entre os principais financiadores das pesquisas de Hamburger e logo estaria envolvida diretamente com Alfred Kinsey e suas “novas descobertas”.

Nos idos de 1948, o Dr. Alfred Kinsey já havia causado grande agitação na sociedade americana com seus estudos publicados em forma de livro sobre a sexualidade masculina, que mais parecia justificar o comportamento de pederastia e pedofilia através da sua “Tabela 34”.

Em 1957, o Dr. Harry Benjamin (1885-1986), que também era alemão, pela primeira vez usou o termo “transexual” em uma palestra pública. Harry era conhecido por receitar grandes quantidades de hormônios para *crossdresser* (homem que se veste de mulher), como Christine Jorgensen, e ele estava atento aos estudos de Hirschfeld, resumiu o livro *Sexualpathologie* e relatou quão ruim era a tradução sob autoria de Jerome Gibbs, publicado pela Julian Press, Newark, 1932.

No entanto, a história vai bem mais além que a oficial.

Harry Benjamin recordava:

Lembro-me de ir, quando jovem, a uma palestra de Auguste Forel, cujo livro *The Sexual Question*, que foi uma sensação na época, me impressionou muito. Também conheci Magnus

Hirschfeld muito cedo através de uma amiga que conhecia o policial Kopp, encarregado de investigar crimes sexuais. Ele, por sua vez, era amigo de Hirschfeld, e por isso conheci os dois de uma só vez. Isso foi por volta de 1907. Eles me levaram várias vezes em suas rondas pelos bares homossexuais em Berlim. Lembro-me especialmente do ‘Eldorado’ com seus shows de *drags*, onde também muitos dos clientes apareciam com roupas do outro sexo. A palavra ‘travesti’ ainda não havia sido inventada. Hirschfeld a cunhou apenas em 1910 em seu conhecido estudo.

Após várias tentativas frustradas de iniciar uma carreira médica em Nova York, em 1915 Benjamin alugou um consultório, que também foi sua casa, e iniciou sua própria clínica geral. Mais tarde, ele atendia em San Francisco, durante o verão (na 450 Sutter Street, com muitos de seus pacientes vindos do bairro vizinho de Tenderloin) e em 44 East 67th Street, em Nova York.

Analisando dados históricos referentes ao ativismo homossexual durante a primeira metade do século passado fica evidente que havia um grande círculo de médicos por todo o mundo conectados entre si e praticando pesquisas e cirurgias não autorizadas pelo Estado em vários países como Dinamarca e EUA. Parece que a luta pelo direito de homossexuais – que eram oprimidos de certo modo por seus comportamentos – levou ao interesse por justificar certo estilo de vida. Mas se pensarmos que a cultura *underground* (às escondidas) *gay* do passado baseava-se apenas entre duas pessoas do mesmo sexo vivendo de forma monogâmica, estamos redondamente enganados. Como mencionado anteriormente, a comunidade médico-científica engajada em desmistificar o comportamento homossexual da época também estava conectada com movimentos de pedofilia, incesto e bestialidades como sexo com animais.

A romantização do relacionamento de duas pessoas do mesmo sexo mostrada hoje pela mídia sempre foi a porta de entrada desses movimentos ligados à cultura LGBTQ+ para outras práticas inaceitáveis aos olhos de pessoas mentalmente saudáveis.

Em 1948, em São Francisco, Benjamin foi convidado por Alfred Kinsey para analisar um jovem paciente que era anatomicamente masculino, mas insistia em ser feminino. Kinsey havia recru-

tado a criança como resultado de suas entrevistas para as pesquisas do livro *Sexual Behavior in the Human Male (Comportamento sexual em homens)*, publicado naquele ano. O caso rapidamente despertou o interesse de Benjamin, pelo que ele viria a chamar de transexualismo, percebendo que havia uma condição diferente daquela do travestismo, sob a qual os adultos que tinham tais necessidades eram classificados até então. Visto que tais comportamentos eram justificáveis por suas ideias revolucionárias, ambos nunca consideraram problemas de desordens mentais.

A Dra. Judith Reisman⁵ explica bem esse cenário:

Em 1945, a Segunda Guerra Mundial termina, os militares são trazidos de volta. Tanto eles quanto a sociedade americana está traumatizada, sofrendo psicologicamente com os impactos do conflito mundial. Nessa época, sob um cenário socialmente frágil, a intensa propaganda sobre as novas descobertas da sexualidade captaram a atenção popular, mas com ideias realmente perigosas

A revolução sexual não veio pelo acaso, ela foi muito bem planejada.

É evidente que o atual cenário que encontramos hoje teve início há mais de um século, e o ativismo homossexual-trans esteve trabalhando fortemente para ganhar algum respaldo científico. E mesmo naquela época, e as cirurgias de mudança de sexo sendo proibidas nos EUA, em 1960 foram constatadas que centenas de cirurgias eram feitas em solo americano. O governo sempre esteve ciente do que acontecia, no entanto os financiadores desses estudos eram os mesmos que patrocinavam os políticos. Um exemplo é a influência de Margaret Sanger, eugenista e feminista, criadora das clínicas de aborto em áreas onde havia a maior concentração de hispânicos e negros.

O cenário estava propício às novas ideias disfarçadas de direitos.

Em 1962, por exemplo, a Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) oficializou suas pesquisas de identidade de gênero que tiveram grande influência não só dos estudiosos do sexo, mas também da própria Margaret Sanger, criadora do

⁵ REISMAN, Judith A. *Sexual sabotage: how one mad scientist unleashed a plague of corruption and contagion on America*. Washington-DC: WND Books, 2010.

que se tornaria o Planned Parenthood 1966. Suas ideias acompanhavam as de Auguste Forel, também conectado com o Dr. Harry e Hirschfeld, que nunca escondeu a doutrina eugenista por trás de sua propaganda pró-homossexualidade e aborto.

1.4 John Money e a família Reimer

Estava em casa e convidei um grupo de pais para conversarmos sobre a tal “ideologia de gênero”, com o intuito de colher informações a respeito da ideia de muitos deles. Em dado momento fui questionado sobre minha fé judaica-cristã e da maioria dos que estavam ali, mesmo não sendo esse o intuito, e ouvi:

– Nossa alma é liberta, tem livre arbítrio e o nosso corpo não tem poder sobre ela. Não importa se somos crianças ou adultos, nossa alma e seu desejo sobrepõem nossa matéria.

– De onde tu tirou isso, Antônio? – perguntei.

Conversávamos justamente sobre essas questões de “gênero”, e nesse dia também fui informado sobre um casal que estava tendo problemas com uma pré-adolescente que se autodiagnosticou como trans. Recordo-me que Antônio, católico não praticante, disse que havia mencionado um texto da *Bíblia*.

– Qual? – perguntei.

Obviamente religião, filosofia e história não são *expertise* de Antônio e não há nada de mau nisso. Mas é justamente aí onde as pseudociências agem: no imaginário.

Lembro-me que até usei o seguinte texto da *Bíblia* discordando de Antônio: “Quando eu era menino, falava como menino, pensava como menino e raciocinava como menino. Quando me tornei homem, deixei para trás as coisas de menino” (1 Coríntios 13:11). O texto bíblico deixa claro a associação da mente e o comportamento humano de acordo com seu desenvolvimento e experiências ao longo da vida. E quando consideramos o autoconhecimento como algo que vem de dentro, isso não passa de crenças falsas. Segundo o professor e filósofo Olavo de Carvalho⁶ (1947-2022), em textos como *Inteligência e verdade – Ensaios de filosofia*, todo conhecimento começa com alguma experiência de situações que nos possibilitam encontrar soluções para nossas necessidades.

⁶ CARVALHO, Olavo de. *Inteligência e verdade – Ensaios de filosofia*. Campinas: Vide Ed., 2021.

Quando Antônio tentou justificar-se, eu contei o caso da família Reimer como experimento do psicólogo John Money, já que a questão era a liberdade da alma separada do corpo.

John William Money (1921-2006) foi um psicólogo, sexólogo e autor neozelandês conhecido por sua pesquisa sobre identidade sexual e biologia de gênero e sua conduta em relação a pacientes vulneráveis, incluindo endossar terapia de conversão destinada a crianças pequenas. Ele foi um dos primeiros pesquisadores a publicar teorias sobre a influência das construções sociais de gênero na formação individual da identidade de gênero. Sua obra foi a base da sexualidade do século XX, *Homem & Mulher, menino & menina*⁷, publicado em 1972. Money introduziu os termos identidade de gênero, papel de gênero e orientação sexual e popularizou o termo parafilia. Ele passou uma parte considerável de sua carreira nos Estados Unidos.

Na década de 1990, Money foi entrevistado pelo jornal pró-pedofilia *Paidika*⁸, na Holanda. Na capa, o jornal defendia o slogan “Man boys sex” da North American Men Love Boy Association (Nambla) fundada em 1976. Vern Leroy Bullough (24/7/1928 – 21/6/2006), amigo de Money e pertencente ao Instituto Kinsey, era um dos editores de *Paidika* e também presidente da Sociedade Americana de Estudos Sobre o Sexo.

Na entrevista, Money disse que “sexo com crianças é uma experiência enriquecedora e não é ruim para a criança”. E acrescentou que “se eu visse algum caso de um garoto na idade de 10 ou 12 anos intensamente atraído por um homem entre 20 e 30 anos, e se a relação é mútua, isso jamais deveria ser considerado uma patologia”.

John Money se tornou conhecido mundialmente, além da propaganda dos termos “papéis sexuais” juntamente com suas ideias sobre o meio social influenciando o desenvolvimento da criança. Foi o caso mais macabro e intrigante sobre a teoria de identidade de gêneros desenvolvida pelo grupo militante ao qual ele pertencia no século passado.

⁷ MONEY, J.; EHRHARDT, A. A. *Man & Woman, Boy & Girl: the Differentiation and Dimorphism of Gender Identity from Conception to Maturity*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1972.

⁸ PAIDIKA, The Journal of Paedophilia. *Wikipedia*. (s.d.). Amsterdam: The Stichting Paidika Foundation, 1991.

Tudo começou no Canadá, envolvendo um jovem casal de fazendeiros, Janet e John Reimer. Em 1965, na cidade de Winnipeg, Manitoba, Janet deu à luz os gêmeos Brian e Bruce. Com a idade de seis meses, após os pais se preocuparem com a maneira como ambos urinavam, os meninos foram diagnosticados com fimose, algo comum entre bebês. Com a idade de oito meses eles foram encaminhados para uma cirurgia de circuncisão, tida como de rotina. Em 27 de abril de 1966, um urologista realizou a cirurgia utilizando um equipamento elétrico de cauterização que apresentou problemas diversas vezes. Na última tentativa, o procedimento não saiu como o planejado e o pênis de Bruce ficou totalmente queimado. Depois de um tempo, após ver o que restou do pênis da criança secar e cair, o casal se desesperou. Nos anos 1960 uma cirurgia plástica de reconstrução de pênis não era uma opção; então, não havia muito o que fazer.

Após o trágico episódio com o irmão, os médicos optaram por não operar Brian, cuja fimose logo desapareceu, sem qualquer intervenção cirúrgica. Alguns meses depois, os pais de Brian e Bruce viram na televisão uma entrevista com o Dr. John Money discorrendo sobre as cirurgias de mudança de sexo em transexuais, na qual ele dizia que os bebês nasciam “neutros” e teriam sua identidade definida como masculina ou feminina (identidade de gênero) exclusivamente em função da maneira pela qual são criados (socioconstrutivismo). Acreditando que tal ideia poderia ser apropriada para o problema do filho mutilado, o casal procurou aquele especialista, que imediatamente se dispôs a atendê-los.

O interesse de Money no caso não poderia ser maior. Como defendia a ideia de que as diferenças de comportamento entre os sexos eram decorrentes de fatores socioculturais e não biológicos (*nature versus nurture*) – tese aclamada pelas feministas –, a mutilação de Bruce oferecia-lhe uma excelente oportunidade de colocar à prova sua teoria.

Nessa época, as clínicas de identidade sexual saíram da clandestinidade. A primeira delas era justamente no Hospital Johns Hopkins, em Baltimore/EUA.

Money e outros médicos trabalhavam com crianças nascidas com os órgãos sexuais anormais, pregavam que o pênis não poderia ser substituído, mas que a construção cirúrgica de uma vagina funcional poderia ser a solução para o caso de Bruce,

por exemplo. Nesse caso, o papel da família seria fundamental no crescimento da criança e isso significa que os pais teriam que adotar uma identidade de gênero para Bruce.

Ao chegar à idade de 22 meses, Bruce foi submetido a uma cirurgia para redefinir seu sexo e remover seus testículos. Money orientou estritamente que os pais do bebê não mencionassem nada sobre o ocorrido e também os orientou a mudar o nome de Bruce, que passou a ser chamado *Brenda*.

O que o jovem casal não sabia era que John Money era conhecido como uma espécie de guru da sexualidade (se fazia chamar de “missionário do sexo”) e defendia comportamentos sexuais ousados, como casamentos “abertos”, estimulava o sexo grupal e bissexual, e o mais extremo era sua tolerância ao incesto e à pedofilia.

O pensamento de Money alinhava-se com o do círculo de médicos – entre outros profissionais ativistas homossexuais e pró pedofilia – que incluíam nomes já mencionados como Harry Benjamin e Alfred Kinsey. No auge do “debate” sobre natureza e educação, as experiências de Money convergiriam para a suposição de que a educação e o meio social são o que há de mais consistente na formação de um indivíduo.

É importante mencionar que Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre já tinham feito triunfar a ideia de que é o ser humano quem goza de liberdade, não a natureza – comentários mais adiante. A também francesa feminista Monique Wittig já colocava em xeque a existência da mulher, alegando ser uma construção do universo patriarcal para subjugar-las.

Com todo esse enorme arsenal que justificava suas ideias e abria espaço à aceitação de suas afirmações sob o disfarce da autoridade científica, Money acompanhou o desenvolvimento de *Brenda* por cerca de 10 anos, avaliando os resultados de perto. A família seguia minuciosamente tudo que era recomendado por Money. No entanto, segundo a mãe da criança, Janet, *Brenda* (Bruce) nunca se adequou ao corpo ou ao contexto social artificial imposto, apesar de toda a carga hormonal que lhe era prescrita. Na realidade *Brenda*/Bruce era completamente diferente.

Roger Scruton⁹, ao questionar as percepções/provas materiais sobre a influência da biologia no corpo de um homem e

⁹ Filósofo e escritor inglês falecido em janeiro de 2020.

de uma mulher, apenas enfatiza o que até uma criança de tenra idade pode perceber. E pontua:

Homens e mulheres diferem em sua aparência física e nas suas capacidades corporais. Eles se desenvolvem de acordo com um ritmo diferente, e parecem possuir diferentes aptidões intelectuais. Há lições a serem retiradas sobre a constituição genética de homens e mulheres a partir da observação de que eles são tão distintos socialmente. Homens e mulheres diferem em suas habilidades, em suas energias e na abordagem dos problemas práticos. Mas em nada eles diferem tanto como nas suas disposições e experiências sexuais. Pois as mulheres podem engravidar; e seus corpos têm um ritmo e um destino que são condicionados pelo fato do parto. Do ponto de vista genético, a distinção entre os sexos é uma característica profunda, determinada nas primeiras fases do desenvolvimento fetal por um mecanismo de cromossomos¹⁰.

A família Reimer viveu na pele o fracasso da “operação” que tentava convencê-los do contrário. Nessa época, no decorrer da década de 1970, Money proclamava aos quatro ventos que a sua experiência com Bruce/Brenda era um êxito incontestável. Em um artigo publicado em *Archives of Sexual Behaviour*, escreveu: “O comportamento da menina é claramente o de uma menina ativa, bem diferente das formas masculinas do seu irmão gêmeo” e que “os gêmeos estavam felizes em seus papéis estabelecidos: Brian era um menino forte e levado; ‘Brenda’, sua irmã, era uma doce menininha”.

Money ficou famoso por esse experimento. A revista *Time*¹¹ afirmava que “este caso constitui um apoio considerável às batalhas pela libertação da mulher: o conceito de que as pautas convencionais sobre a conduta masculina e feminina podem ser realmente alteradas”.

É nítido que o feminismo e a ideologia de gênero sempre andaram de mãos dadas.

Entretanto os Reimers se afundavam diante de intermináveis torturas emocionais. Nesse ínterim, os gêmeos eram obrigados

¹⁰ SCRUTON, Roger. *Desejo sexual: uma investigação filosófica*. Campinas: Vide Ed., 2016.

¹¹ The Sexes: Biological imperatives. *Time*, 8 de janeiro de 1973.